

**PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SOBRE A FEBRE
AMARELA SILVESTRE**

Gabriela Santos Pinto da Conceição¹

Stephany Raisal Machado Pereira²

Letícia Lopes Monteiro³

Tiago Gallina Correa⁴

Resumo:

A febre amarela é uma zoonose mantida em ciclos silvestres. Seu ciclo engloba primatas como hospedeiros do arbovírus e os mosquitos como transmissores dessa doença infecciosa não contagiosa. (VASCONCELOS, 2003). A forma silvestre tem como ciclo macaco infectado - mosquito silvestre - macaco sadio. No Brasil, os mosquitos silvestres dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* são os vetores mais comuns. Eles possuem hábitos diurnos e são encontrados nas copas das árvores. O humano não faz parte do ciclo, mas pode acidentalmente ser infectado. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). O Rio de Janeiro que era considerado uma área indene da virose (VASCONCELOS, 2003) a partir de 2017 começou a registrar casos de febre amarela silvestre em humanos, tal que é recorrente até o atual período de 2018. O que além da imensa campanha pela vacinação, também iniciou ações de proteção aos macacos, pois a falta de compreensão de como a doença é transmitida resultou em um grande número de morte destes animais por serem considerados vetores. Por ser uma doença pouco conhecida e de baixo entendimento pela população, a análise que será feita é para medir a mudança de comportamento com relação a prevenção, entendimento de transmissão e sobre a compreensão do macaco não representar perigo, já que agora o Rio de Janeiro se tornou uma área endêmica. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo levantar dados sobre a conscientização da população com relação a transmissão da doença após mais de um ano de exposição no território, pois é esse conhecimento que detém maior poder de reduzir a morte de primatas não-humanos no estado do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi feita por meio de questionário online encaminhado para moradores de diferentes localidades da cidade. O material online encaminhado as pessoas continha três perguntas simples de múltipla escolha no intuito de indagar sobre o conhecimento prévio da doença, sobre a forma de transmissão e se a pessoa é imunizada ou não. Frente a todos os dados obtidos nos questionamentos realizados, observa-se que uma das maiores problemáticas que é a falta de informação sobre a transmissão da zoonose não seria mais um motivo de preocupação com relação a preservação dos macacos. Onde quase 100% dos entrevistados demonstraram compreensão sobre a forma de transmissão, o que exclui os animais da ideia de serem propagadores da doença para humanos.

Palavras-chave: Febre Amarela, Macaco, Rio de Janeiro

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SOBRE A FEBRE AMARELA SILVESTRE

¹ Aluno de graduação. gabriela.santosp13@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. stephanymachado51@gmail.com. Co-autor

³ aluno de graduação. leticialopesmedvet@gmail.com. Co-autor

⁴ Docente. tiagogallina@unipampa.edu.br. Orientador

PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SOBRE A FEBRE AMARELA SILVESTRE

1 INTRODUÇÃO

A febre amarela é uma zoonose mantida em ciclos silvestres. Seu ciclo engloba primatas como hospedeiros do arbovírus e os mosquitos como transmissores dessa doença infecciosa não contagiosa. (VASCONCELOS, 2003). Segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, “A forma urbana é transmitida pelo *Aedes aegypti* e, de acordo com o Ministério da Saúde, desde os anos 40, o Brasil não registra casos deste tipo da doença.”

Já a forma silvestre tem como ciclo macaco infectado – mosquito silvestre – macaco sadio. No Brasil, os mosquitos silvestres dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* são os vetores mais comuns. Eles possuem hábitos diurnos e são encontrados nas copas das árvores. O humano não faz parte do ciclo, mas pode acidentalmente ser infectado. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

O Rio de Janeiro que era considerado uma área indene da virose (VASCONCELOS, 2003) a partir de 2017 começou a registrar casos de febre amarela silvestre em humanos, tal que é recorrente até o atual período de 2018. O que além da imensa campanha pela vacinação, também iniciou ações de proteção aos macacos, pois a falta de compreensão de como a doença é transmitida resultou em um grande número de morte destes animais por serem considerados vetores.

Vale e Prezoto (2017, p.07) dizem que “Os dados sobre a atual epizootia de febre amarela são alarmantes, o número de morte de primatas é o maior registrado para um surto de febre amarela até então no território brasileiro.”

A Lei 1605/98, Art 29 ressalta que: “Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida”, classificando como crime ambiental qualquer flagelo a esses animais, sujeito de seis meses a um ano de reclusão e multa. (IBAMA, 2017)

Por ser uma doença pouco conhecida e de baixo entendimento pela população, a análise que foi feita é para medir a mudança de comportamento com relação a prevenção, entendimento de transmissão e sobre a compreensão do macaco não representar perigo, já que agora o Rio de Janeiro se tornou uma área endêmica

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo levantar dados sobre a conscientização da população com relação a transmissão da doença após mais de um ano de exposição no território, pois é esse conhecimento que detém maior poder de reduzir a morte de primatas não-humanos no estado do Rio de Janeiro.

2 METODOLOGIA

A coleta de dados foi feita por meio de questionário online encaminhado para moradores de diferentes localidades da cidade. O material online encaminhado as pessoas continha três perguntas simples de múltipla escolha no intuito de indagar sobre o conhecimento prévio da doença, sobre a forma de transmissão e se a pessoa é imunizada ou não. Os resultados da pesquisa foram computados em forma de gráficos.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Os questionários geraram 103 respostas. A primeira questão (“Antes de se tornar epidemia no RJ, você tinha conhecimento da existência dessa doença?”) indagava sobre o

conhecimento prévio da doença antes dela se tornar uma epidemia. Do total de respostas, apenas 7 (6,8%) responderam que não possuíam tal conhecimento, o que demonstra que a maior parte da população não é totalmente leiga com relação ao assunto (Figura 1).

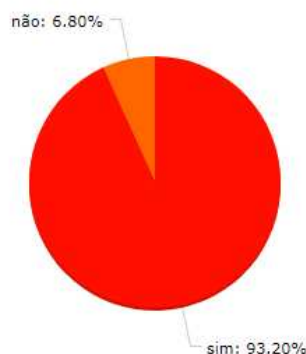


Figura 1 – Compreensão dos entrevistados sobre conhecimento ou não sobre a endemicidade da doença.

A segunda questão (“Como a Febre Amarela é transmitida para os humanos?”) buscou evidenciar o entendimento sobre a forma de transmissão do vírus para os humanos. Entre o total de respostas, praticamente 100% dos participantes responderam que seria por meio do mosquito. Apenas um afirmou que seria por contato ou mordida do macaco, destacando mais uma vez o entendimento com relação a zoonose.

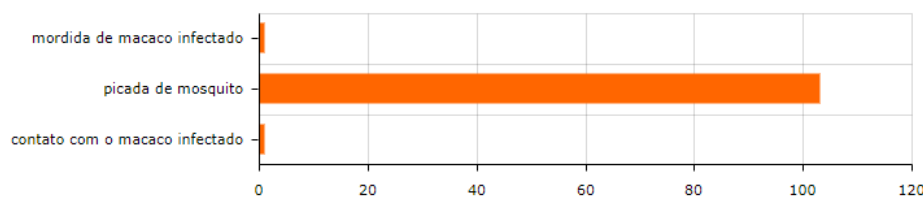


Figura 2 – Percepção sobre a forma de transmissão da doença

A pergunta final (“Você é vacinado contra a febre amarela?”). Dos quais 82,5% dos participantes afirmaram já estar imunizados contra a doença.

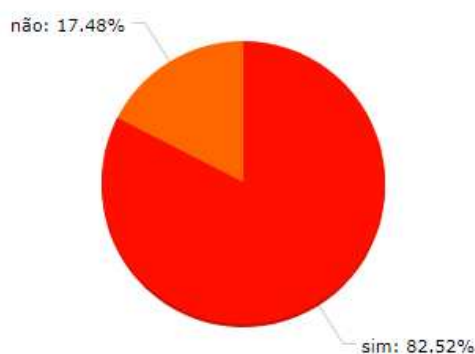


Figura 3 – Número de indivíduos vacinados.

Ao realizar a análise dos resultados é notória a mudança de padrão comportamental da população com relação a febre amarela. Mostrando entendimento principalmente da forma de transmissão, que é o principal fator relacionado a proteção dos primatas em áreas endêmicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a todos os dados obtidos nos questionamentos realizados, observa-se que uma das maiores problemáticas que é a falta de informação sobre a transmissão da zoonose não seria mais um motivo de preocupação com relação a preservação dos macacos. Onde quase 100% dos entrevistados demonstraram compreensão sobre a forma de transmissão, o que exclui os animais da ideia de serem propagadores da doença para humanos.

REFERÊNCIAS

BRASÍLIA. MINISTÉRIO DA SAÚDE. . **Vigilância em Saúde: zoonoses**. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigilancia_saude_zoonoses_p1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.

IBAMA, 2017IBAMA. **Macacos não transmitem febre amarela: denuncie agressões**. Brasília: 2017 Disponível em < <http://ibama.ibama.gov.br/informes/macacos-nao-transmitem-febre-amarela-denuncie-agressoes>> Acesso em 09 set. 2018.

RIO DE JANEIRO. SECRETARIA DE SAÚDE. . **Febre Amarela RJ**. Disponível em: <<http://www.febreamarelarj.com.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 09 set. 2018.

VALE, C. A.; PREZOTO, Fabio. A culpa não é do macaco: Os primatas e a febre amarela. **Revista Multiverso**, Juiz de Fora, Mg, v. 2, n. 1, p.1-12, 13 jul. 2017.

VASCONCELOS, P. F. C.. Febre Amarela. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [s.l], v. 2, n. 36, p.275-293, mar. 2003.